

## HEIDEGGER E O NADA

**Aluno: Mauricio Campista**  
**Orientador: Paulo Cesar Duque Estrada**

### **Introdução:**

A questão que iremos tratar é especificamente sobre o nada, tema que aparece na abordagem fenomenológica de Heidegger. No caminho realizado por este mesmo autor, esta questão somente se deixa compreender através de uma experiência existencial. Com o propósito de tratarmos dessa questão, devemos colocar, que se pretende buscar a totalidade da experiência humana que se relaciona intrinsecamente com a pergunta metafísica, que é a busca de um referencial, e cuja característica compreenda a totalidade de tudo o que É. Em outras palavras, “A investigação metafísica deve desenvolver-se na totalidade e na situação fundamental da existência que interroga. Nossa existência” (OQM, pág, 35, §2)

Imediatamente poderíamos perguntar: Que então seria o nada? Que características seriam pertinentes a ele? O melhor, que não-características? Neste ponto, a questão sobre o nada parece resistir ainda mais fortemente a qualquer tentativa de compreensão, conforme afirma Heidegger:

“Se for assim, também toda a resposta a essa questão é, desde o início, impossível. Pois ela se desenvolve necessariamente nesta forma: o nada “é” isto ou aquilo tanto a pergunta como a resposta ao nada, igualmente contraditórias em si mesma” (OQM, pág, 37, § 3)

Poderíamos dizer que existe uma impossibilidade formal em relação à questão do nada. Se por um lado recorrêssemos ao princípio de não contradição, não teríamos “olhos” para a questão do nada. Contudo, essa aparente “barreira” em relação à questão do nada não a esgota, pois os problemas referentes ao nada apenas estabelecem de modo mais contundente os seus próprios limites metodológicos. Precisamos de outra via para alcançar nosso objetivo, sem que com isso façamos descaso da ciência e da própria razão humana, pois “*se o nada deve ser questionado – o nada mesmo – então deverá estar primeiramente dado. Devemos poder encontra-lo*”. (OQM, pág. 38, § 1)

Em todo caso, o homem, esse ente em meio a outros entes, na totalidade de sua existência, está envolvido de maneira mais ou menos “atenta” àquilo que o circunda. Isto quer dizer que temos uma apreensão das coisas que nos rodeiam. O mundo é um elemento familiar, ainda que dele nada saibamos. Estamos imersos na totalidade das coisas dadas e por isso mesmo, por este aspecto específico, a diferença entre sujeito/objeto se dilui e nos vemos, por assim dizer, iguais aos entes. E nessa “diluição” de caráter existencial é o que em primeiro momento nos predispõe ao entendimento da questão proposta. Ou como nos diz Heidegger: “O ser, no entanto, apenas “é” na compreensão dos entes a cujo ser pertence uma compreensão do ser. O ser, portanto, pode não ser concebido, mas jamais é inteiramente incompreendido” (ST, pág, 246, §3).

### **Metodologia**

Leituras e discussões dos textos acompanhadas pelo orientador.

### **Conclusão**

Na atividade do nada, isto é, em seu nadificar, o homem revela-se a si mesmo como aquele que está imerso na não referencialidade e por isso mesmo, aberto a compreensão do todo existencial. O nada em seu nadificar, ao nos possibilitar essa originária angústia, nesta suspensão no próprio ser, é o que nos leva a compreender os entes em totalidade. Ou seja, o nada como uma abertura, um vir-a-ser contínuo que permite todas as coisas.